

REFERÊNCIA:

SERRANO, X. Enquadre na vegetoterapia caracteroanalítica. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

1

ENQUADRE NA VEGETOTERAPIA CARACTEROANALÍTICA**Xavier Serrano****Resumo**

Baseado nos trabalhos de Wilhelm Reich, percorrendo as contribuições de Federico Navarro, Xavier Serrano, outros profissionais e instituições, o presente texto tem como objetivo ressaltar a importância do enquadre (setting) na vegetoterapia caracteroanalítica. Enfatiza a sistemática clínica da vegetoterapia, o diagnóstico estrutural, a relação terapêutica que se vai estabelecendo entre paciente e orgonoterapeuta em um bem definido e coerente marco de atuação e desenvolvimento.

Introdução

Foi em 1937 quando Wilhelm Reich, neuropsiquiatra e psicanalista didata, apresentou um novo modelo de psicossomatoterapia profunda definida como “Vegetoterapia Caracteroanalítica” (REICH, 1955) e que teria uma forte influência no campo da psicoterapia e da clínica psicossomática.

A Vegetoterapia segue vigente e enriquecida pelas contribuições de profissionais e instituições do movimento pós reichiano, como é o caso do nosso grupo, a Escola Espanhola de Teraipa Reichiana (Es.Te.R.), nascida no seio da “Scuola Europea di Orgonoterapia” em 1985. Com os objetivos clínicos de facilitar a maturação e o desenvolvimento do “eu” com sua projeção social, recuperando o “contato ecológico” com nossas potencialidades e limites, com nossa capacidade orgástica e auto-reguladora, nos permite então, sentir e viver a vida. Dentro deste movimento uma contribuição fundamental foi a metodologia clínica desenvolvida por Federico Navarro, (discípulo de Ola Raknes, um dos mais fiéis colaboradores de Reich) na década de 70, o que permite aplicar a Vegetoterapia de uma forma mais científica e ao mesmo tempo, com a versatilidade necessária para poder ter em conta as características particulares de cada pessoa (NAVARRO, 1983, 1989, 1990) complementado pelo Diagnóstico Estrutural (D.I.D.E.) sistematizado por Xavier Serrano (SERRANO, 1990a).

Também é necessário mencionar a incorporação do trabalho em grupo como uma ferramenta convergente (SERRANO, 1990; 1991) que facilita a consecução dos objetivos psicossociais desta psicoterapia profunda, o que também foi sistematizado por X. Serrano dentro da atividade clínica da Es.Te.R. Sem esquecer os avanços na abordagem das Biopatias ou doenças funcionais degenerativas e sistêmicas, que combinam a Vegetoterapia com outras técnicas energéticas como os oligoelementos, homeopatia, acupuntura, dietas, audiopsicofonologia, o acumulador de orgônio, etc, e que junto às contribuições de alguns orgonoterapeutas do ACO (Colégio Americano de Orgonomia) (Baker, Dew, Konia...) o trabalho de Federico Navarro (1998)

REFERÊNCIA:

SERRANO, X. Enquadre na vegetoterapia caracteroanalítica. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

pôde ser desenvolvido por colegas da nossa equipe clínica como Manuel Redón (1997) ou Maria Montero-Ríos (1988). Mas não devemos esquecer que para poder alcançar os objetivos descritos, é preciso que a sistemática clínica da Vegetoterapia se aplique – como mencionado anteriormente – de acordo com o diagnóstico estrutural e modulada pela relação terapêutica que vai sendo estabelecida entre paciente e orgonoterapeuta – com um claro, definido e coerente marco de atuação e desenvolvimento. É o que definimos, seguindo a tradição analítica, como “**enquadre**” (*setting*), onde podemos situar as particularidades do espaço psicoterapêutico, do contrato e da maneira do terapeuta estar e atuar. Esta maneira dependerá muito da estrutura da pessoa.

Existem umas referências básicas e fundamentais que são importantes para caracterizar o enquadre clínico e que, por sua função também fazem parte do código deontológico do psicoterapeuta. Sendo, portanto, uma garantia para cumprir adequadamente os direitos do paciente e como vemos, são fundamentados por razões clínicas e não somente ideológicas ou éticas. Isto implica que a partir da nossa experiência, se não utilizamos este enquadre, ao trabalhar com a Vegetoterapia, limitaríamos a funcionalidade do processo clínico, podendo inclusive, chegar a dinâmicas ‘iatrogenizantes’ que perturbariam a saúde do paciente. Assim, com a base da experiência clínica adquirida durante todos estes anos de prática clínica, revisando acertos e erros clínicos, foi possível delimitar variáveis que constituem nosso enquadre clínico da Vegetoterapia caracteroanalítica, o que descrevo a seguir.

O enquadre clínico

Antes de começar o processo clínico com a Vegetoterapia há um período de avaliação, diagnóstico e prognóstico (D.I.D.E.) que seriam duas sessões para confirmar se a demanda do paciente pode ser satisfeita com tal terapia e assim, o número de sessões e a frequência serão aconselhadas de acordo com as variáveis clínicas estruturais observadas.

Já dentro do espaço terapêutico as condições serão estabelecidas com o contrato terapêutico sabendo que a confirmação da decisão será tomada ao longo das primeiras sessões, sendo, portanto, sessões abertas para trocas de terapeutas ou de modelo terapêutico. Tal contrato será estabelecido de acordo com os critérios quanto ao nível de análise e de diagnóstico diferencial. Considerando que as sessões individuais são de 45-50 minutos, pode-se juntar duas sessões (1h 30m) se necessário e conveniente. Em geral, o mínimo necessário são 6 sessões mensais (podendo ser realizadas de maneira simples ou dupla) divididas ao longo do mês, aconselhando pelo menos, 8 sessões mensais, durante os primeiros meses de tratamento.

Os honorários combinados entre paciente e terapeuta fazem parte do contrato terapêutico e, portanto, é segredo profissional. O terapeuta fará a proposta econômica tendo como referência a do grupo profissional ao que pertence e aplicando a cada caso em particular. Ao ultimar os honorários por sessão e a cota mensal, deve-se respeitar o acordo, podendo ser modificado, revisando o contrato e até mesmo adicionando uma nova resolução em comum. Uma

REFERÊNCIA:

3

SERRANO, X. Enquadre na vegetoterapia caracterioanalítica. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

característica da profissão do psicoterapeuta é a de que se o paciente não avisa sua ausência com ao menos três dias de antecedência, a sessão deve ser cobrada (exceto em casos particulares), porque são tempos reservados pelo terapeuta para o paciente e fixados com antecedência.

A psicoterapia profunda em Vegetoterapia tem um prognóstico, mas não se pode prescindir exatamente sua duração. Existe uma referência estatística com uma média de 350 sessões individuais e em grupo de dois anos para as pessoas com estrutura adaptativa ou de caráter neurótico; ao restante a média é de 450 sessões.

As sessões são realizadas no chamado “divã reichiano” que segue a tradição psicanalítica, mas com variações próprias. Estas consistem em que o terapeuta está sempre presente e sentado em uma pequena distância do paciente, que geralmente se colocará deitado de barriga para cima, pernas dobradas, olhos abertos, corpo relaxado e visível (considerando que o paciente esteja com o menor número de roupa possível), uma vez que as mudanças musculares e vegetativas são produzidas durante a sessão, manifestadas no corpo do paciente e por isso devem ser possíveis de serem observadas pelo terapeuta. Conscientes de que esta é uma variável peculiar pouco corrente, culturalmente falando, deve-se levar em conta a possibilidade de usar maiô, biquini ou roupa interior, para não violentar a intimidade e facilitar a aliança de trabalho, o contrato inicial e as dinâmicas transferenciais.

Durante a sessão, junto com as verbalizações, espaços de análise caracterial e de elaboração, o paciente realizará movimentos neuromusculares conscientes, indicados pelo terapeuta, com uma duração de uns 12 a 20 minutos. Estes serão descritos de uma forma geral, nunca concreta nem modélica (sem nenhuma interferência por parte do terapeuta na forma como o paciente executa o acting), para facilitar que a reprodução seja dentro da linha da livre associação e portanto, como resposta espontânea que permite ao terapeuta vincular com alguns seus aspectos caracteriais.

Por ser um processo, durante as verbalizações, os temas serão abordados dentro de uma dinâmica analítica evitando conselhos indutivos.

Quando necessário introduzir ferramentas convergentes para facilitar o desenvolvimento do processo, melhor que seja fora do tempo próprio da sessão de Vegetoterapia. Em relação ao uso das ferramentas convergentes é conveniente que seja outro profissional especializado que as realize dentro do próprio marco clínico de tal especialidade que inclui suas particularidades, tempos e horários, e os emergentes que aparecerem durante o uso das mesmas, devem ser elaborados dentro do marco clínico da Vegetoterapia.

O espaço terapêutico grupal dentro da sistemática, é também para nós, uma ferramenta convergente condicionante. Neste sentido, as sessões de grupo começam – de forma parecida a qualquer outra ferramenta convergente – quando o terapeuta individual considerar adequado, desde o ponto de vista clínico, propõe ao paciente e este, assumirá como parte do contrato

REFERÊNCIA:

4

SERRANO, X. Enquadre na vegetoterapia caracterológica. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

terapêutico. A duração do grupo de Vegetoterapia é de dois anos com uma sessão mensal de quatro horas. O grupo estará coordenado por dois terapeutas de gêneros diferentes e sem que entre eles exista laços familiares nem afetivos significativos. Em algum grupo pode-se incluir a presença de um terapeuta observador, com a função diferente dos co-terapeutas.

Desta maneira, outra ferramenta convergente seria indicar o paciente, pontualmente, a outro terapeuta da equipe clínica. Nestes casos, o terapeuta propõe ao paciente os motivos e este, aceitaria voluntariamente sua utilização. Sabendo que é uma técnica em investigação, pode-se modificar o enquadre e as tarifas econômicas. De acordo com a proposta, algumas das técnicas empregadas que estejam em investigação poderão ser gratuitas ou pode-se pedir uma cota simbólica.

Se durante o processo individual seja necessário um trabalho focal de terapia de casal ou de família, sempre se indica o paciente a outro terapeuta especializado. Mesmo assim, se o casal ou familiares do paciente procuram atendimento clínico, o processo terapêutico será assumido por outro terapeuta da equipe clínica.

Para preservar a intimidade e a particularidade do espaço clínico deve-se evitar o contato pessoal entre paciente e terapeuta, inclusive fora das sessões com familiares, assim como compartilhar espaços públicos assíduos (academias, clubes, escolas...) ou atividades que impliquem interação pessoal (cursos, workshops, experiências de crescimento pessoal ou espiritual...)

Durante o processo, as pulsões e emoções (tristeza, raiva, excitação sexual...) que o terapeuta possa sentir a partir de reações ou manifestações do paciente, serão situadas dentro da dinâmica contra-transferencial, que possuem sua função dentro do processo do paciente. E se estas são muito fortes e periódicas o terapeuta deve consultar seu supervisor, terapeuta ad-vitam ou equipe clínica para avaliar se existe uma implicação pessoal excessiva que possa dificultar a funcionalidade do processo. E em tal caso, se não se pode resolver esta questão, seria necessário indicar-lo a outro terapeuta o quanto antes e da maneira que se considere mais oportuna.

=====

REFERÊNCIAS

REICH, W. **La función el orgasmo**. El descubrimiento del orgón, vol. 1. Buenos Aires: Paidós, 1955.

NAVARRO, F. **La vegetoterapia caracterológica** - un funcionamiento natural. Valencia: ECS, vol. 1, nº 1, Publicaciones Orgón, 1983.

NAVARRO, F. La vegetoterapia caracterológica. **Revista Somatherapies et Somatologie**. Strasbourg, 1989.

REFERÊNCIA:

5

SERRANO, X. Enquadre na vegetoterapia caracteroanalítica. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

NAVARRO, F. **Metodología de la Vegetoterapia Caracteroanalítica a partir de Wilhelm Reich.** Publicaciones Orgón, Valencia, 1993.

NAVARRO, F. Las biopatías. Valencia: **Revista Energía, carácter y sociedad.** Valencia: ECS Vol. 6, nº 1, Publicaciones Orgón, 1998.

SERRANO, X. El diagnóstico inicial–diferencial en la Orgonterapia desde una perspectiva postreichiana. **Revista Energía, carácter y sociedad.** Valencia: ECS Vol. 8, nº 2, Publicaciones Orgón, 1990a.

SERRANO, X. Sistemática de la Vegetoterapia caracteroanalítica de Grupo. **Revista Energía, carácter y sociedad.** Valencia: ECS Vol. 8, nº 2, Publicaciones Orgón, 1990b.

SERRANO, X. **El papel de los coterapeutas en la vegetoterapia en grupo.** Comunicación en el Congreso Internacional de Terapia Psicocorporal. Barcelona: Castelldefels, 1991

REDON, M. Introducción a la medicina orgonómica” Conferencias, nº 4. Publicaciones Orgón. Valencia, 1997.

MONTERO-RIOS, M. Aproximación al mundo sonoro intauterino. ECS, Vol. 6 nº 1. Publicaciones Orgón. Valencia, 1988.

=====

Xavier Serrano Hortelano

Cidade; Valência/Espanha

E-mail: xserrano@mac.com

Site: www.esternet.org/xavierserrano

Tradução: Juliana Vieira Martinez e Alexandra Coelho